

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



REFLEXÕES EM TORNO DAS PLACAS DE CERÂMICA COM GRAVURAS DE VILA NOVA DE S. PEDRO (AZAMBUJA)

José Morais Arnaud / Associação dos Arqueólogos Portugueses / jarnaud@sapo.pt

RESUMO

Entre o numeroso espólio proveniente das escavações realizadas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay na fortificação calcolítica de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) entre 1937 e 1964, que integra o acervo do Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, merecem especial destaque as cerca de 220 placas de cerâmica que apresentam representações gráficas. A maior parte dos motivos são geométricos e abstratos, mas encontram-se também motivos solares e zoomórficos, bem como símbolos de carácter desconhecido e algo enigmático. Geralmente classificados como “pesos de tear”, a função destes artefactos é objecto de discussão, com base em dados etnográficos e na análise dos vestígios de uso apresentados. Analisam-se ainda as técnicas utilizadas para gravar estas representações, apresenta-se uma tipologia genérica das mesmas, e discute-se o seu possível significado.

ABSTRACT

Among the numerous artifacts collected during the excavations carried out by Afonso do Paço and Eugénio Jalhay at the Chalcolithic hill-fort of Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) between 1937 and 1964, in the collections of the Carmo Archaeological Museum, in Lisbon, the 220 clay tablets with graphic representations deserve special attention. Most of the motives are geometric and abstract, but we also find some solar and zoomorphic ones, as well as representations of unknown and enigmatic symbols. Generally classified as loom-weights, their function is discussed, based on ethnographic parallels and on the analysis of traces of wear. Finally, the engraving techniques are analysed, a general typology of motives is proposed, and their meaning is discussed.

INTRODUÇÃO

Entre o vasto espólio encontrado ao longo de pelo menos 28 campanhas anuais de escavações realizadas de 1937 a 1964 contam-se centenas de placas sub-retangulares de argila cozida, 220 das quais apresentam em uma ou em ambas as faces gravuras feitas antes da cozedura, representando uma grande variedade de motivos geométricos e abstratos, símbolos solares e zoomórficos, bem como representações de símbolos desconhecidos e enigmáticos. O facto de todas as peças que foram encontradas completas terem quatro furos em cada canto levou a que fossem interpretadas pelos seus achadores e pela maior parte dos investigadores que a elas se referiram como tendo servido de “pesos de tear”, embora entre os paralelos etnográficos conhecidos não se tenha encontrado nenhum tipo de tear que justificasse a existência de pesos

com quatro perfurações, como se verá na parte final deste artigo.

O primeiro estudo dedicado a estas placas foi apresentado por Afonso do Paço ao Congresso do Mundo Português (Paço, 1940). Embora as escavações estivessem ainda longe de estar terminadas, são publicados desenhos simplificados de 58 placas com gravuras. Apesar de não se fazer nenhuma referência ao seu contexto espacial e estratigráfico, tendo em consideração que entre 1937 e 1940 as escavações incidiram exclusivamente na zona envolvente da muralha interior, onde se encontraram inúmeros “fundos de cabana”, e em 1945 já se teriam já recolhido cerca de mil placas, inteiras ou fragmentadas (Paço 1945, p.239), parece poder afirmar-se que estes objectos, qualquer que tenha sido a sua função e significado, terão sido encontrados em contextos domésticos, e não numa área de actividades especializadas, à semelhança do que se verificou num

povoado do Alto Alentejo escavado em área em que se encontrou grande abundância de placas com perfurações, embora só 5 dos cerca de 9050 exemplares estudados apresentem gravuras (Costeira, 2013).

Os dados estratigráficos são muito escassos, e embora a noção da existência de duas grandes fases de ocupação, separadas por uma fase de incêndio e abandono temporário do local, já tivesse surgido na campanha de 1946 (cf. Paço, 1947, p.47-54; Arnaud, 1990, p. 32), é só a partir de 1951, numa campanha realizada com a colaboração de Maria de Lurdes Costa Arthur, que se começa a prestar maior atenção à estratigrafia, tendo-se verificado que nos estratos inferiores escasseiam os fragmentos de cadinhos, os “pesos de tear” e os cossoiros, que abundam nas camadas médias e superiores (Paço & Arthur, 1952, pp. 289-293; Arnaud, 1990, p. 34). O primeiro corte estratigráfico de VNSP foi porém realizado em 1959 pelo arqueólogo galês H.N. Savory que, no entanto, só o publicou anos mais tarde (Savory, 1970). Esse corte permitiu-lhe a definição de três períodos de ocupação, em todos os quais se encontraram placas de barro com perfurações nos cantos. Porém, como não se sabe quais as placas que se encontraram em cada um desses estratos, não é possível determinar a partir de que período é que passaram a apresentar gravuras em uma ou em ambas as faces, ou se sempre coexistiram placas gravadas e não gravadas.

O facto de muitas das placas ainda apresentarem uma ou ambas as faces muito concrecionadas, e de ainda conservarem nas perfurações vestígios do sedimento em que estiveram envolvidas desde a sua estratificação, parece confirmar que a prática de gravação de vários motivos remonta às fases iniciais de ocupação calcolítica de VNSP.

Os dados contextuais relativos a outros povoados calcolíticos da antiga Estremadura são também relativamente escassos, pois quer no Zambujal, quer em Leceia, este tipo de peças, com ou sem decoração, são relativamente raras, apesar da vasta área escavada, e da cuidada metodologia utilizada nestes dois sítios de referência.

CARACTERIZAÇÃO

Apesar de os escavadores se referirem, em 1945, quando ainda só se tinha escavado menos de um terço do povoado, ao achado de mais de mil placas, com ou sem gravuras, a maior parte das que integraram as colecções do Museu Arqueológico do Carmo

(MAC), apresentam gravuras, o que indicia uma recolha selectiva das peças com gravuras, e dificulta uma comparação com uma amostra significativa de exemplares sem gravuras. Uma análise dos desenhos publicados em 1940 mostra, porém, que só 37 das 58 peças representadas deram entrada naquele Museu, presumindo-se que muitas outras tenham sido dispersas por outras colecções, públicas ou privadas, como era então costume. Na verdade, dada a enorme abundância de espólio, Afonso do Paço tinha o hábito de oferecer pequenas colecções de referência a diversas instituições, com finalidades didáticas, prática que muito dificulta o trabalho dos investigadores. Para o bom êxito deste projecto, seria muito importante conseguir localizar as placas com gravuras dispersas por todo o país, pelo que apelo aos leitores deste artigo que dêem a sua colaboração nesse sentido.

Apesar dessa dispersão de materiais, a colecção de placas com gravuras do MAC é sem dúvida a mais completa, integrando 220 exemplares, inteiros ou fragmentados. O seu estado de conservação é muito variável, contando-se 149 que podem ser consideradas completas, ou seja, com pelo menos 3 perfurações conservadas, e com a possibilidade de se medir o comprimento, a largura e a espessura originais, estando as restantes mais ou menos fragmentadas. Para efeitos de avaliação do peso só se pode, no entanto, contar com 87 placas consideradas inteiras.

O comprimento médio das 149 placas consideradas completas é de 8,07cm, com um desvio padrão de $\pm 1,16$, tendo a maior 12,65cm, e a menor 3,14cm.

A espessura média é de 2,17cm, com um desvio padrão de $\pm 0,44$ cm, tendo a maior 3,5cm e a menor 1,14cm.

O peso médio é de 190g, mas enquanto a placa maior, só com duas perfurações, pesa 488g, a menor pesa apenas 20g, pelo que se afigura difícil admitir que tivesse a função de peso de tear, pois o seu reduzido peso não lhe permitiria manter os respectivos fios suficientemente tensos. Trata-se porém de um caso isolado, sendo duvidoso que tivesse sido usada para a mesma função.

FUNÇÃO

Os paralelos formais mais próximos, os teares de cartões, referidos por Leroi-Gourhan (1971, p.284) e estudados em pormenor por van Gennepe (1916), são hoje, como o nome indica, feitos com peças

de cartão, e se este material ainda não existia no Calcolítico, existiam decerto materiais muito mais leves do que a cerâmica para esta forma primitiva de tecelagem, outrora muito disseminada por toda a Eurásia, e que ainda hoje subsiste na Birmânia e na Tailândia, e que só permite a obtenção de peças relativamente estreitas, embora de comprimento quase ilimitado, que depois teriam que ser cosidas longitudinalmente (cf. Leroi-Gourhan, 1971, pp. 284 e 285, e figs. 516 e 581). Resta ainda a hipótese de terem servido como pesos de tear verticais, utilizando só duas perfurações de cada vez, servindo as restantes como reserva, como defendia A. do Paço (Paço, 1940). Mas só com uma análise mais pormenorizada do padrão de desgaste das perfurações se poderá confirmar esta hipótese.

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS

A gravação foi sobretudo feita por incisão, com a argila ainda crua, usando um instrumento pontiagudo, de largura variável entre 0,5 e 1mm, podendo nalguns casos atingir 2 a 3mm de largura, mas ocorrem também alguns exemplares gravados com incisões mais finas, ou por impressão com instrumentos pontiagudo, circular, ou por matriz em forma de pente.

Uma análise deste conjunto de placas permite distinguir três grandes grupos:

1. Placas com motivos geométricos, de maior ou menor complexidade (fig.1);
2. Placas com representação de motivos solares, zomórficos ou sexuais mais ou menos estilizados (fig.2);
3. Placas com motivos bem definidos e recorrentes, cujo significado não é determinável (fig.3);

A maior parte das 283 faces com gravuras das 220 placas estudadas pertence sem dúvida ao primeiro grupo (54,06%), sendo os motivos mais frequentes os reticulados (figs. 1.1 e 1.5), os ondulados (fig. 1.8) e os espinhados (figs. 1.2, 1.5. e 1.6). A análise do possível significado destes motivos poderá ser feita dentro dos mais diversos parâmetros. Com efeito, a sua ocorrência nos mais variados contextos geográficos e cronológicos poderia sugerir que tivessem tido uma função meramente “decorativa”. Porém, tendo em conta a tradicional interpretação destas peças como “pesos de tear”, seria tentador interpretar estes motivos como eventuais padrões que iriam ser tecidos em cada tear. Mas, nesse caso,

como interpretar os restantes? Outra interpretação possível, tendo em conta que se trata de sociedades de pastores e agricultores, seria considerá-los como representações simbólicas das actividades agrícolas da comunidade e propiciatórias da fertilidade dos campos, dos animais e das pessoas. Assim, os ondulados poderiam simbolizar a água fertilizando a terra lavrada, os quadriculados poderiam simbolizar a divisão dos campos, os pontilhados a colocação das sementes, os espinhados as espigas de cereais, e assim por diante. Por muito simplista que este tipo de interpretação possa parecer, não deverá, no entanto, ser desprezado à partida.

Quanto às representações solares (figs. 2.2, 2.4, 2.5 e foto 3) e lunares (fig. 2.1 e foto 4) (28 exemplares) integram-se também numa ideologia de culto da natureza, propiciatória da fertilidade. Particularmente sugestiva desta possível associação entre o Sol e a fertilidade da Terra é uma representação constante de uma placa encontrada no povoado da Pedra do Ouro (Leisner & Schubart 1966), que apresenta no centro uma representação solar convencional, rodeada por reticulados, preenchidos com pontilhado, que parecem representar campos cultivados. Reforçando esta interpretação, a referida placa apresenta ainda no reverso uma série de linhas onduladas, uma forma de representação convencional da água, fertilizadora da terra cultivada. Representação semelhante, em ambas as faces, embora sem o símbolo solar no centro, pode-se ver também num exemplar fracturado em três dos cantos (fig.1.9).

Mais raras são as representações de cervídeos e bovídeos (16 exs), estas últimas mais esquemáticas (fig. 2.8 e foto 5; figs. 2.9 e 2.10). Estes animais surgem também com frequência associados a cultos da fertilidade em vários contextos da Europa pré-histórica (Gimbutas, 1982). Podem ainda incluir-se neste grupo representações muito explícitas do sexo feminino, com o triângulo púbico e a fenda vaginal bem delimitada (3 exs.) (fig. 2.12 e foto 6).

O terceiro grupo inclui representações de carácter mais abstrato, mas que ocorrem de forma recorrente em várias placas, por vezes em ambas as faces, mas cujo significado nos escapa. É o caso das placas divididas a meio por uma linha, de cujas extremidades irradiam vários traços curvos divergentes (fig. 3.1 e foto 2) (7 exs.), da placa com um losango preenchido com linhas cruzadas (fig. 3.2), das placas com duas incisões perpendiculares, formando uma cruz (18 exs.) (fig. 3.10), das placas com os cantos delimita-

dos por dois traços formando um ângulo obtuso (4 exs.) (fig. 3.12) ou por incisões curvas duplas (5 exs.) (fig. 3.11), das placas com um ou dois rectângulos ao centro (fig. 3.6), por vezes preenchidos com linhas paralelas, e de muitos outros símbolos que só aparecem em um ou dois exemplares.

PARALELOS

Embora se tenham encontrado placas semelhantes em diversos povoados do Litoral Estremenho, na maior parte dos sítios o seu número é reduzido, e raramente apresentam gravuras. O paralelo mais próximo para VNSP é a Pedra do Ouro (Alenquer), onde se encontraram 24 placas, inteiras ou reconstituíveis, oito das quais com gravuras (Leisner & Schubart 1966; Branco, 2007). No pequeno povoado do Penedo (Torres Vedras), encontraram-se 20 placas, inteiras ou reconstituíveis, duas das quais com gravuras idênticas em ambas as faces, e cinco outros fragmentos com gravuras (Spindler 1969, pp. 102-105 e figs.25 e 26). Porém, no Zambujal (Torres Vedras), sem dúvida o sítio com maiores semelhanças estruturais e cronológicas com VNSP, e também escavado em larga escala, mas com uma metodologia muito mais rigorosa, com recolha integral de materiais, apenas se encontrou uma placa completa, mas sem gravuras, e dois fragmentos gravados com motivos geométricos (Sangmeister & Schubart 1981, p.290, Tafel 61, m,p,q). Em Leceia, e também no pequeno povoado do Outeiro Redondo (Sesimbra), onde se encontraram 15 exemplares, dois dos quais com decoração, tudo indica que “o início da produção se verifica no Calcolítico inicial, prosseguindo no Calcolítico pleno sem quaisquer alterações formais” (Cardoso 2010, p. 110). Enfim, qualquer que seja o significado e a função destas placas, parece que a sua utilização não era tão generalizada como se poderia pensar.

CONCLUSÃO

Estas breves reflexões têm por objectivo chamar a atenção para um interessante conjunto de artefactos, cujo estudo exaustivo e sistemático está em preparação, no âmbito de um projecto mais vasto de publicação sistemática do acervo de VNSP existente no MAC.

Entre os aspectos em desenvolvimento, para além do desenho de pormenor de todas as placas com

gravuras, trabalho já realizado por Carlos Boavida, de que se apresentam aqui alguns exemplos (figs. 1 a 3), conta-se a análise quantitativa comparada das placas com e sem gravuras, para verificar se existem diferenças significativas, e para se tentar encontrar grupos fisicamente homogéneos, eventualmente pertencentes ao mesmo tear; a reconstituição de um tear com replicas exactas destas placas, para testar o seu modo de funcionamento, e o eventual desgaste produzido nas mesmas; a análise em pormenor das técnicas de gravação, para tentar detectar especificidades individuais; enfim, um estudo comparativo entre as pastas e os estilos de gravação das placas de VNSP e dos restantes arqueossítios do Litoral Estremenho em que ocorrem, para tentar detectar uma eventual rede de circulação de pessoas e bens, tal como sugere Mariana Diniz, num estimulante ensaio sobre a tecelagem no Calcolítico em Portugal (Diniz, 1994, p. 144).

Quanto ao significado destas placas gravadas, como mera hipótese de trabalho, podemos de facto estar perante um conjunto de artefactos que, qualquer que fosse a sua utilidade prática, se afiguram como o suporte durável de um sistema embrionário de comunicação visual, através de representações que podem ter tido uma componente ideográfica, que não chegou a transformar-se num sistema de escrita, semelhante ao desenvolvido por sociedades coetâneas, noutras áreas do Mundo, talvez por as sociedades calcolíticas do Litoral Estremenho não terem atingido o grau de complexidade que o justificasse.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, J.M. e GONÇALVES, J.L. (1990) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 1ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 1. Lisboa., p.25-48.

ARNAUD, J.M. e GONÇALVES, J.L. (1995) – A fortificação pré-histórica de Vila Nova de S., Pedro (Azambuja) – balanço de meio século de investigações. 2ª parte. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. 2. Lisboa., p.11-40.

ARNAUD, J.M. (2005) – Vila Nova de São Pedro revisitada. In: Arnaud, J.M. e Fernandes, C.V., eds. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. p.141-164.

BRANCO, M.G. (2007) – A Pedra do Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabaço. *Trabalhos de Arqueologia*. 49. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.

- CARDOSO, J.L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p.9-276.
- CARDOSO, J.L. (2010) – O povoado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005. In V.S. Gonçalves e A.C.Sousa, eds., *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.*. Cascais, Câmara Municipal, p.97-129.
- COSTEIRA, C. (2013) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S.Pedro (Redondo), 3º milénio a.n.e.. *Arqueologia e História*. Lisboa. 62-63, p.23-37.
- DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. *Actas IV. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34: 3-4, p.133-149.
- GENNEP, Arnold van (1916) – *Le tissage aux cartons*. Neuchâtel: Delachaux et Niestle.
- GIMBUTAS, M. (1982) – *The Goddesses and Gods of Old Europe – 6500-3500BC – Myths and Cult Images*. London. Thames & Hudson.
- GINER, C.A.(1984) – *Tejido e Cesteria en la Peninsula Ibérica – Historia de su técnica y industrias desde la prehistoria hasta la romanización*. Madrid. CSIC, Instituto Español de Prehistoria.
- GOMES, M.V. (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In: Arnaud, J.M. e Fernandes, C.V., eds.. *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. p.165-178.
- GOMES, S. (2013) – Tecelagem e pesca: os pesos. In VALERA, A.C. (2013) ed. – *As Sociedades Agropastoris na Margem Esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*. Memórias de Odiana, 2ª série. 6. p.211-228.
- LEISNER, V. e SCHUBART, H. (1966) – Die Kupferseitliche Befestigung von Pedra do Ouro / Portugal. *Madri der Mitteilungen* .7. Madrid. p.9-60.
- LEROI-GOURHAN, André (1971) – *L'Homme et la matière*. Paris, Editions Albin Michel.
- PAÇO, A. (1940) – Placas de Barro de Vila Nova de S.Pedro. *Congresso do Mundo Português*, Porto. 1, p.233-251.
- PAÇO, A (1945) – El Castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. 20. Madrid.
- Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*. Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol.I (1970) e Vol. II (1971).
- PAÇO, A. e ARTHUR, M.L.C. (1952) – Castro de Vila Nova de S.Pedro. I – 15ª campanha de escavações (1951). *Brotéria*. 54(3). Lisboa. p.289-309.
- PEREIRA, F.A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). *O Arqueólogo Português*. 20. Lisboa. p. 107-155.
- SANGMEISTER, E. e SCHUBART, H. (1981) – *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*. Madri der Beitrage. 5. Mainz am Rhein. Verlag Philipp von Zabern.
- SAVORY, H. N. (1970) – A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 133-148.
- SPINDLER, K. (1969) – Die Kupferzeitliche Siedlung von Penedo / Portugal. *Madri der Mitteilungen*. 10. Heidelberg. F.H. Kerle Verlag. p. 45-116.
- VALERA, A.C. (2013) ed. – *As Sociedades Agropastoris na Margem Esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*. Memórias de Odiana, 2ª série. 6.

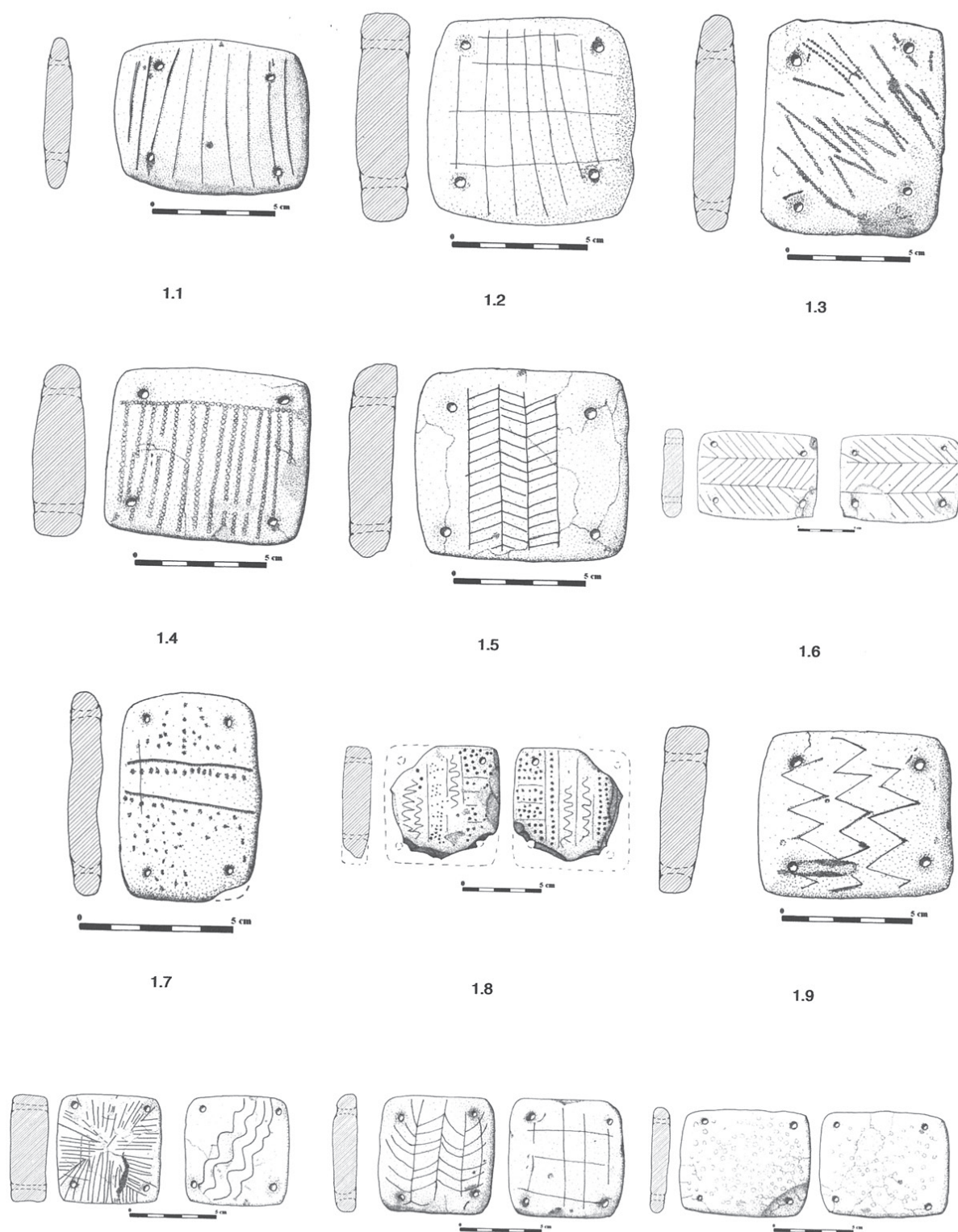


Figura 1 – Gravuras com representações geométricas. Desenhos de Carlos Boavida.

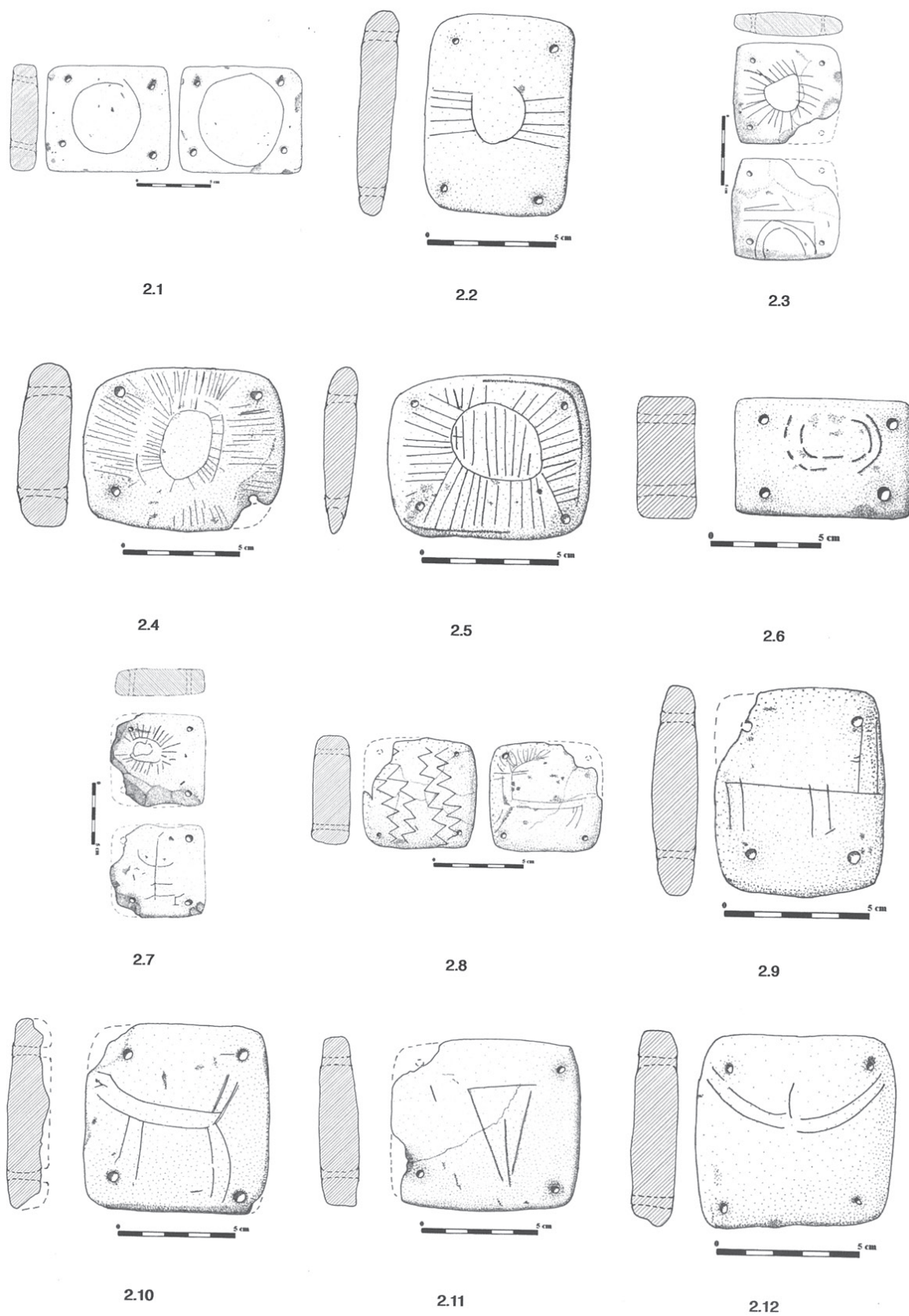


Figura 2 – Gravuras com representações naturalistas, astrais, zoomórficas ou antropomórficas. Desenhos de Carlos Boavida.

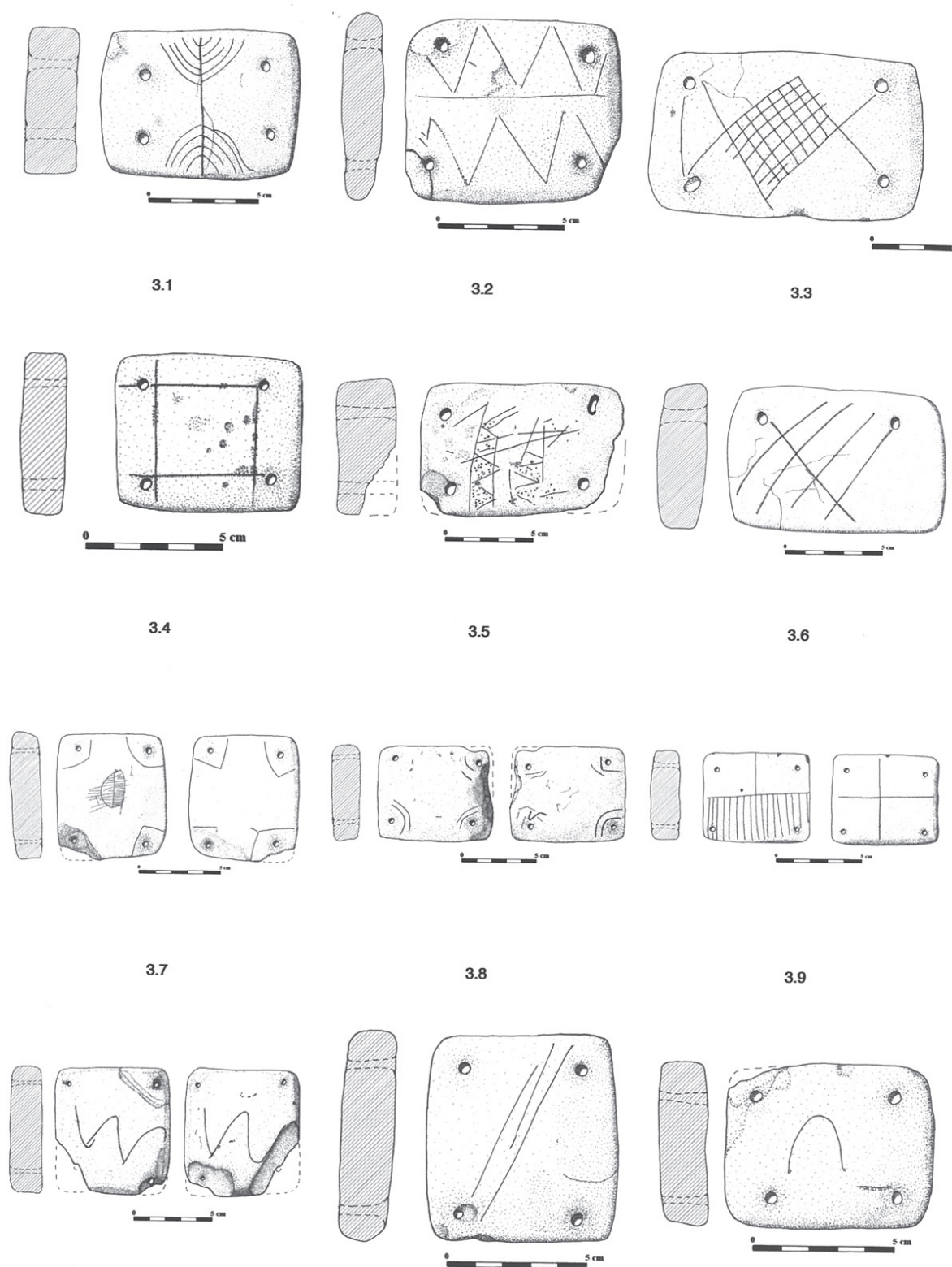


Figura 3 – Gravuras com representações abstractas e simbólicas de significado desconhecido. Desenhos de Carlos Boavida.



Figura 4 – Gravuras geométricas a picotado, feitas com matriz (J. M. Arnaud).



Figura 5 – Símbolo desconhecido (J. M. Arnaud).



Figura 6 – Representação solar (J. M. Arnaud).



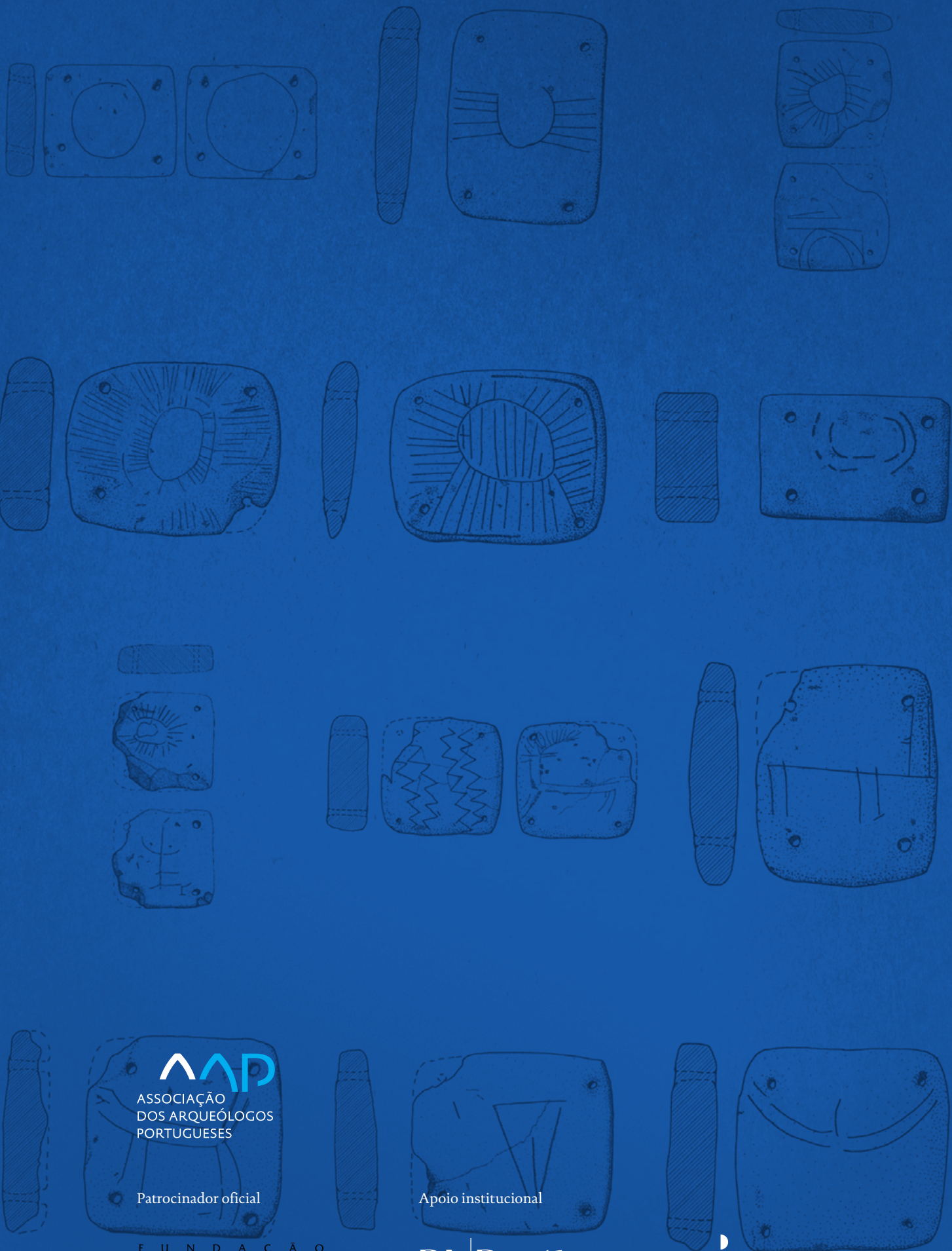
Figura 7 – Representação lunar (J. M. Arnaud).



Figura 8 – Representação de cervídeo (J. M. Arnaud).



Figura 9 – Representação sexual feminina (J. M. Arnaud).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua